



Língua Portuguesa: diversidades literárias – o caso das literaturas africanas

Cármem Maciel*

«Assim como em todas as coisas humanas
há contínua mudança e alteração,
assim é também nas linguagens».
Duarte Nunes de Leão¹

Os últimos tempos, férteis em eventos baseados na celebração da partilha da Língua Portuguesa, não podem deixar de nos surpreender, pela crescente importância atribuída à Língua e ao papel que lhe é conferido como “cimento” do chamado “espaço lusófono”.

Como refere Léonard, «a década de noventa constitui uma fase de consolidação e de cooperação de onde emerge, não sem dificuldade, o grande projecto de uma comunidade dos países de língua portuguesa»². Seja através da CPLP, da Lusofonia, do Instituto Internacional de Língua Portuguesa, da RTP África ou de outras iniciativas, a Língua extravasa a área da comunicação, envolvendo relações e interesses sociais, culturais, económicos e políticos.

Não se trata, contudo, de matéria simples, ou neutra – como recorda Eduardo Lourenço: «a língua nunca foi – e continua a não o ser – uma espécie de instrumento neutro que se esgota no seu uso comunicante empírico»³. Assim sendo, a partilha da

¹ Duarte Nunes de Leão, *Ortografia e origens da Língua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983, p.195.

² Yves Léonard, “As Ligações a África e ao Brasil” in *História da Expansão Portuguesa* (dir. F. Bethencourt & K. Chaudhuri), vol.V, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, p.423.

³ Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro. Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999, p.128.

Língua tem sido alvo de aceso debate entre académicos e políticos – para além dos linguistas. Se, por um lado, se entende a Língua Portuguesa como um veículo de cultura que reflecte, a singularidade do caso português (o “encontro entre culturas” que realça o cerne da deambulação dos portugueses no mundo⁴ e as “pontes naturais” que ligam Portugal aos restantes países lusófonos⁵); por outro lado, produzem-se reflexões críticas que denunciam o suposto engodo ideológico que sustenta a ideia de tal excepcionalismo⁶. Segundo Vale de Almeida⁷, por exemplo, a aparente capacidade especial dos portugueses para se “misturarem” com o outro funcionaria exclusivamente num sentido: “de cá para lá”, mas não o inverso⁸.

Apesar de tais controvérsias, num encontro realizado em 1996 na Arrábida⁹ (um mês após a institucionalização da CPLP), que contou com o contributo de intelectuais e políticos dos países lusófonos, a exaltação com que foi saudada a criação de um espaço da “Lusofonia”, dava conta de uma sólida posição pragmática, alicerçada em razões “objectivas”, mas também argumentos mais subjectivos sem os quais os primeiros não ganham força mobilizadora: o que nos une, é incomensuravelmente mais rico que o que nos separa – bem poderia ter sido o mote do referido encontro.

Contudo, embora do ponto de vista histórico, a Língua Portuguesa possa ter contribuído, ao longo dos tempos, para a concretização de um vasto sistema de trocas culturais, sociais, económicas e políticas, não se conhece hoje, de facto, qual a situação no que concerne à Língua Portuguesa no mundo.

Em entrevista concedida à *Ler. Livros e Leitores*, Mia Couto comentava: «em Moçambique, de facto, nem todos falam português como se pensa. Há três por cento de moçambicanos que nem falam o português, só falam a língua materna. E dos outros, aí uns quarenta por cento falam o português como segunda língua. Por isso, quando se fala

⁴ Mário Soares, “Prefácio” (8/3/1992) in *Intervenções* 6, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, p.22. Cf. Boaventura Sousa Santos, “Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal” in *Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*, Porto, Afrontamento, 1994, pp.49-67.

⁵ Francisco Lucas Pires, *Schengen e a Comunidade de Países Lusófonos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1997.

⁶ Feldman-Bianco e Omar Ribeiro, *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiro* (coord. Cristiana Bastos & outros), Lisboa, ICS, 2002.

⁷ Miguel Vale de Almeida, *Um Mar da cor da Terra*, Oeiras, Celta, 2000.

* Doutoranda em Sociologia e Economia Históricas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com projecto intitulado: “A Construção da Comunidade Lusófona”. Investigadora no SociNova/Migrações – Gabinete de investigação em Sociologia Aplicada – FCSH/UNL.

⁸ Vd. Margarida Marques, Nuno Dias & José Mapril, “Le retour des caravelles et la lusophonie. D’exclusion des immigrés à l’inclusion des lusophones?”, SociNova, Working Paper, 2003.

⁹ Maria Beatriz Rocha-Trindade (coord.) *Cursos da Arrábida. Interculturalismo e cidadania em espaços lusófonos*, n.5, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1998.

de lusofonia e se diz que somos todos iguais, dito dessa maneira não se percebe que há culturas em Moçambique que não têm nenhuma relação com a língua portuguesa e que vão ficar completamente excluídas»¹⁰.

Será que Moçambique é uma excepção no conjunto dos países da CPLP?

A História e a Antropologia coloniais demonstraram a diminuta “capacidade infraestrutural do Estado”¹¹ no que respeita à difusão da Língua Portuguesa¹². Quer no ensino, quer no apoio à cultura em geral, quer mais recentemente na concretização de uma política da língua, as lacunas são grandes.

Num contexto de mundialização em que os países tendem a negociar a consciência da sua individualidade com projecção para o exterior,¹³ em que a cultura e, em particular, a língua se constituem como “enjeux” centrais de negociação identitária, que futuro poderemos esperar para a Língua Portuguesa?

Haverá, efectivamente, uma “comunidade interpretativa” assente na partilha da Língua Portuguesa? Ou estaremos nós, próximos da situação de perpetuação de velhas assimetrias denunciadas por Salman Rushdie em relação à Commonwealth? Para Alfredo Margarido, por exemplo, a referência à língua comum, mais não seria, na verdade, que uma encapotada tentativa de perpetuar hegemonias culturais¹⁴.

Num contexto de atenta observação ao “respirar” cultural no “espaço de Língua Portuguesa”, em que a celebração da literatura se afigura como instrumento cultural e político de primeira linha na cimentação de um quadro de similitude e partilha, pretende-se com o presente artigo reflectir sobre algumas questões relacionadas com a produção literária, apresentando-se cinco exemplos de algumas das vozes africanas que contribuem, na sua variedade, para fortalecer o sistema de laços comunicantes a que, supostamente, anela a “Lusofonia”.

Uma vez que o artigo versará as diversidades literárias no “espaço lusófono”, poderíamos ainda perguntar: que papel poderão assumir os escritores e ou outros

¹⁰ Mia Couto em entrevista concedida à *Ler. Livros e Leitores*, n.55, Junho/Setembro de 2002, Lisboa, Círculo de Leitores, p.56.

¹¹ como designou Michael Mann na sua obra: *The Sources of Social Power*, Cambridge, U.P., 1993.

¹² Segundo João Paulo Monteiro, «o verdadeiro problema consiste no facto de nunca ter existido uma ampla difusão da língua portuguesa em Moçambique»¹².

¹³ «...em que o português tem de contar com a viva concorrência [por exemplo] de numerosas línguas africanas regionais ou vernaculares, crioulos, ou mesmo o inglês e o francês» in Yves Léonard, ob.cit, p.439.

¹⁴ Alfredo Margarido, *A Lusofonia e os Lusófonos. Novos mitos Portugueses*, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas, 2000.

criadores culturais na afirmação, não de um *Mundo Português*, mas de um *Mundo em Português*?

1) Um Mundo em Português: a “irmandade” na Língua

Embora a língua seja essencialmente a mesma, pode assumir a expressão do português europeu, a inovação simbólica do falar quotidiano brasileiro ou as combinações sintáticas ou morfológicas com que a “brindam” os moçambicanos, angolanos, caboverdeanos e outros. Expressões que, segundo Eduardo Lourenço, só foram possíveis graças à exposição da Língua Portuguesa a processos de “derramamento, expansão e criouliização”¹⁵.

Mia Couto, por exemplo, «habitou o leitor à sua escrita aglutinada, justaposta, criadora e inovadora, musical, intensa, profundamente meiga e crua, poética»¹⁶ em que as palavras fluem de um contínuo jogo imagético:

(Quadro 1)

Palavra “recriada”	Obra	Página
<i>Maistravez</i>	<i>Cronicando</i> , Ed. Caminho, 1991	p.13
<i>Acontecência</i>	<i>Varanda do Frangipani</i> , Ed. Caminho, 1996	p.137
<i>Cancromido</i>	<i>Contos do Nascer da Terra</i> , Ed. Caminho, 1997	p.93
<i>Atropilada</i>	<i>O último voo do flamingo</i> , Círculo de Leitores, 2001	p.13

Num dos programas “Conversa afiada”, Maria João Avilez perguntava a Mia Couto se a reinvenção das palavras, que lhe é característica, seria uma forma de exaltar/honrar a miscigenação ou ainda de “arrumar” a língua. O escritor respondeu que o português, sozinho, não consegue transmitir a realidade africana; há que usar as potencialidades da Língua Portuguesa e trabalhá-las¹⁷. «As alterações da língua portuguesa têm uma lógica que ultrapassa o domínio linguístico e que traduzem uma outra apreensão do mundo e da vida»¹⁸.

¹⁵ Eduardo Lourenço, ob.cit., p.123.

¹⁶ Comentário sobre o escritor na página da Ed. Caminho na apresentação da obra *Raiz de Orvalho* (www.editorial-caminho.pt).

¹⁷ Mia Couto em entrevista concedida a Maria João Avilez no programa "Conversa Afiada" da Sic, 2002.

¹⁸ Mia Couto in *Tempo* de 12.10.1986, Maputo, p.46.

Da análise desse exercício criativo surgem algumas considerações que enfatizam uma espécie de *crioulagem da língua* (parafrazeando Dacosta¹⁹), ou de um *português moçambicanizado, angolano* ou mesmo *abrasileirado*²⁰. Cogitando sobre o assunto, Isaquiel Cori, ao entrevistar Ondjaki, tecia a seguinte questão: «uns defendem que se deve escrever num português correcto outros advogam que já existe “um português angolano ou angolano” que deverá servir de base aos textos literários. O que pensa sobre isso?»²¹

O jovem escritor angolano lembrou: «não se pode fugir à regra sem conhecer a regra, isto é uma verdade desde Guimarães Rosa, Luandino, Mia Couto... É preciso conhecer para quebrar com qualidade»²². Uma quebra que não é exclusivamente sinónimo de ruptura com os “modelos” portugueses, mas que é também entrecruzamento linguístico, em particular e cultural, em geral, em que a palavra tem um poder criativo e, no entender de José Craveirinha, *fraterno*²³:

(...)

Amigos:

As palavras mesmo estranhas
Se têm música verdadeira
Só precisam de quem as toque
Ao mesmo ritmo para serem
Todas irmãs.

Eis que num espasmo
De harmonia como todas as coisas
Palavras *rongas*²⁴ e algarvias *ganguissam*²⁵
Neste *satanhoco*²⁶ papel
E recombina o poema.

Luís Sousa explica que «a fraternidade harmónica é resultante de um processo de recombinação, que afecta e altera muitas vezes certo número de aspectos linguísticos

¹⁹ sobre a utilização da língua portuguesa «muitos interiorizaram-na tornando-a sua. Tão sua que a modificaram, a alteraram, a adaptaram ao universo nacional e regional de cada um. Notável, a propósito, o trabalho de “crioulagem” feito, entre outros, por Luandino Vieira e Mia Couto» in <http://ciberduvidas.sapo.pt/antologia/dacosta.html>.

²⁰ Cf. Eduardo Lourenço, “Uma língua, dois discursos?” in ob.cit., pp.145-153.

²¹ Entrevista disponível em http://www.uea-angola.org/destaque_entrevistas1.cfm?ID=282, Setembro de 2003.

²² Ndalú de Almeida, “Hei-de escrever enquanto fizer sentido” – entrevista concedida a Isaquiel Cori disponível em http://www.uea-angola.org/destaque_entrevistas1.cfm?ID=282, Setembro de 2003.

²³ José Craveirinha, “A fraternidade das palavras” in *Karingana ua Karingana*, Lisboa, Ed. 70, 1974, p.151.

²⁴ *Ronga* = dialecto mais meridional do grupo linguístico banto tsonga. É falado numa pequena área que inclui a cidade de Maputo.

²⁵ *Ganguissam* = namoram

²⁶ *Satanhoco* = uma coisa que não presta

particulares (...) [mas que acaba por transmitir] uma força retórica de relevo»²⁷ à escrita, desde que não ultrapasse o limiar em que a intercomunicação desaparece.

Neste contexto, Dacosta alega que, graças à diversidade linguística actual, a língua portuguesa está hoje capaz de comunicar novas coisas, aquela «língua que graças aos países africanos está, no prosseguimento da abertura que lhe deu o Brasil, a conhecer um processo de profunda revitalização»²⁸.

No mesmo sentido, Luís Carlos Patraquim, acrescenta: «...ei-la que se libertou da *canga* colonial, do estigma rácico e terrível do “pretoguês”, trocadilho aglutinado parolice e arrogância imperiais, para se *marrabentar*, solta e ágil, em sotaques vários consoante as regiões e os grupos linguísticos da grande árvore *bantu* de onde os seus falantes se alcandoram para a aventura de Caliban.

Este “português” é de todos porque é nosso»²⁹. Daí Yves Léonard, transmutando a máxima de Pessoa, falar da língua como «uma pátria de muitas pátrias»³⁰.

Ondjaki afirma: «...tenho uma relação "libertina" com as palavras e com a língua portuguesa em geral. Penso que devemos mexer na língua, tendo em conta os referentes gramaticais, mas dando-nos a liberdade de exercer uma certa "pressão cultural" à língua portuguesa. A língua portuguesa já é também língua angolana, brasileira, caboverdeana, etc. O "portuguesa" é já o nome, a designação desta língua»³¹. «É a própria língua e a sua estrutura multi-cultural que permite um trabalho de intervenção plástica»³².

Será por causa da reinvenção linguística e da introdução de palavras oriundas das línguas/dialectos autóctones que as obras de “Literatura Africana” são muitas vezes designada por “Literaturas de Expressão Portuguesa”? Será por não serem escritas nos cânones do português europeu?

2) Autores de Expressão Portuguesa ou de Língua Portuguesa?

Francisco Salinas Portugal chama a atenção para o facto de que, uma das primeiras dificuldades com que nos confrontamos ao estudarmos as literaturas de

²⁷ Luís Manuel Sousa, *A Construção da Identidade na Literatura Moçambicana*, Lisboa, Biblioteca Victor de Sá – Universidade Lusófona, 1999 (tese de doutoramento policopiada), pp.377, 378.

²⁸ F. Dacosta, “Desinventar bússolas” Prefácio à obra de Mia Couto, *Cronicando*, Lisboa, Ed. Caminho, 1991, p.7.

²⁹ L. C. Patraquim, “A cabeleira da língua”, disponível em <http://ciberduvidas.sapo.pt/antologia/patraquim2.html>.

³⁰ Yves Léonard, ob.cit., p.436.

³¹ Ndalú de Almeida, “Hei-de escrever enquanto fizer sentido” – entrevista concedida a Isaquiel Cori disponível em http://www.uea-angola.org/destaque_entrevistas1.cfm?ID=282, Setembro de 2003.

³² Ondjaki em entrevista concedida a Cármem Maciel em 18 de Agosto de 2004.

Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe é a da sua própria denominação. Basta analisarmos alguns artigos, rubricas da imprensa, títulos de livros ou de palestras para cedo nos apercebermos da falta de consenso a esse respeito, encontrando-se, portanto, uma indeterminação na definição terminológica das “literaturas africanas” (observem-se alguns exemplos no quadro 2).

«A vacilação na denominação, que é um facto que vai além do simples nominalismo, revela, antes de mais, da existência de uma instabilidade do sistema, assim como de problemas de ordem ideológica, cultural e até de história pessoal e académica, do crítico ao estudioso, sem esquecermos que, por vezes, temos profundas lacunas de informação e preguiça intelectual de quem fica pela panorâmica e os lugares trilhados e não se aventura por caminhos que obrigariam, de certeza, a um olhar despreconceituoso e a um trabalho demorado de pesquisa»³³.

(Quadro 2)

Autor	Denominação	Referência
Mário de Andrade	“Poesia Africana de Língua Portuguesa”	Thomas Mpoyi-Buatu, “L’histoire littéraire selon Mário de Andrade” in <i>Notre Libraire</i> , n.115, Paris, CLEF, 1993.
Manuel Ferreira	“Poesia Africana de Expressão Portuguesa”	Manuel Ferreira, <i>Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa</i> , Lisboa, Plátano Editora, 1988.
Alfredo Margarido	“Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa”	Alfredo Margarido, <i>Estudos sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa</i> , Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.
Russel Hamilton	“Literaturas da África Lusófona”	Russel Hamilton, <i>Voices from an Empire</i> , Minneapolis, University of Minnesota Press, 1975.
Inocência Mata	“Literatura Africana em Língua Portuguesa”	Inocência Mata, <i>Pelos Trilhos da Literatura Africana em Língua Portuguesa</i> , Braga, Portugal: Cadernos do Povo, 1992.
Aldónio Gomes & Fernanda Cavacas	“Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”	A. Gomes & F. Cavacas, <i>Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa</i> , Lisboa, Ed. Caminho, 1997.

Alfredo Margarido questionando o alcance da fórmula “literaturas de expressão portuguesa” afirma que a mesma reduz automaticamente o campo de afirmação das literaturas em causa e reflecte um lastro neo-colonialista. Segundo o autor, o termo mais apto para designar cada uma das literaturas africanas, seria de “expressão angolana, moçambicana, são-tomense, etc.” e não de “expressão portuguesa”, uma vez que as

³³ Francisco Salinas Portugal, “A denominação das literaturas africanas de língua portuguesa” in *Entre o Próspero e Caliban*, Santiago de Compostela, Ed. Laivento, 1999, p.19.

mesmas são escritas em português, mas com expressões autóctones que exprimem a realidade de cada um dos países em causa³⁴.

Digamos que a estrutura linguística de base é o português, que acaba por conviver com matrizes próprias de cada um dos mosaicos etno-linguísticos que o enformam. Como lembra Luís Sousa, as “literaturas africanas” «procuram estar fundadas em raízes culturais de tradição oral, apesar de expressas numa língua essencialmente europeia (portuguesa) que lhe é exterior»³⁵.

Luandino Vieira, com a sua escrita, ajuda-nos a exemplificar:

« - Este muadié tem cada pergunta!... Porquê eu ando na quionga?... Meus amores, meus azares, miondona... Minhas velhices, rambóias de quilapanga. E vosoutro? A-um-Kuta... Aprendi com senhor sô padre Vieira este truco de responder pergunta. Simpatizo-me com o muadié, sua questão não me ofende. Ao invés, xingava.»³⁶.

« - Sukuama! Já não se pode viver neste musseque? Trabalho toda a noite, não durmo de dia, e meus vizinhos ainda me chateiam? E vocês aí fora, seus lázaros, homé! Em vez de despartarem, aí feitos burros a olhar e a rir. Xê, você seu capitão de barco de ferrugem, vai-te vestir mas é!... »³⁷.

As “literaturas africanas” exprimem-se em português, mas não são então de expressão portuguesa, antes uma emancipação da cultura angolana, caboverdeana, santomense ou outra, como mostram os excertos escolhidos das obras de Luandino Vieira. Conforme opinião de Francisco Portugal «a denominação que parece menos marcada ideologicamente, menos problemática portanto, é aquela que preferem os próprios africanos (Lourenço do Rosário, Fátima Mendonça, Inocência Mata ou Fernanda Cavacas) e hoje também outros estrangeiros, portugueses e não só (Pires Laranjeira, Ana Mafalda Leite, Alfredo Margarido...) de *Literaturas Africanas em/de Língua Portuguesa*»³⁸.

Embora este raciocínio esteja, linguisticamente justificado, poderá conduzir-nos à ideia de que, no limite, precisaríamos de tantas línguas ou expressões quantos os contextos de produção cultural.

³⁴ Vd. Alfredo Margarido, *Estudos sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

³⁵ Luís M. Sousa, ob.cit., p.387.

³⁶ excerto da obra: *João Vêncio: os seus amores*, Lisboa, Ed. Caminho, 2004, p.31.

³⁷ excerto da obra: *Nosso Musseque*, Lisboa, Ed. Caminho, 2003, p.23.

³⁸ Francisco Salinas Portugal, ob.cit, p.20.

3) O caso das literaturas africanas

A análise das “literaturas africanas” suscita vários motivos de interesse pela originalidade de uma literatura assente numa estrutura referencial resultante do confronto de culturas antagónicas e a idiossincrasia de uma escrita que se (re)começa a construir.

Tal como no plano político, a literatura africana tem vindo a procurar formas de maturidade nem sempre alcançadas devido a certos condicionalismos de natureza social, económica e ideológica. A produção literária pós-descolonização reflectia, ainda, características da "literatura de combate" que era usual durante a guerra colonial. Décadas depois, surge uma nova geração de escritores que não tendo vivido a mesma, foram, contudo, vítimas de guerras partidárias (como no caso de Angola e Moçambique, por exemplo). Têm sido muitas vezes, essas guerras civis, o pano de fundo para romances ficcionados, por vezes utópicos e/ou de cariz policial, cortando com as "tradições" temáticas do passado.

A *Negritude*, o *Mulatismo* e a *Africanidade*, são alguns dos conceitos que têm acompanhado a renovação das “literaturas africanas” nestas últimas décadas.

A *Negritude* pode ser encarada segundo dois pontos de vista: um, como tentativa de retorno às raízes e a purificação de uma cultura constantemente adulterada pelos modelos europeus; e outro, como forma de fazer frente ao colonialismo branco, excluindo à partida tudo o que não fosse de origem negra (a literatura cabo-verdiana, por exemplo).

O *Mulatismo* poder ser visto, no entender de Alfredo Margarido³⁹, como uma tentativa de afirmar que a colonização portuguesa foi a mais doce e a menos racista, e que os portugueses preferiram colonizar com o sexo, onde outros só utilizaram a espada ou a cruz. Representa um tipo de literatura que exalta a África e o seu exotismo e onde o pano de fundo se torna a paisagem de palmeiras e as mulheres. Inábil em denunciar a realidade colonialista, enreda-se em temáticas oníricas.

A *Africanidade* resulta da aspiração de um povo em se assumir como nação independente. Reconhecendo a particularidade sócio-cultural dos países africanos, este conceito reclama o direito à diferença e à autonomia dos modelos europeus. Recuperar a

³⁹ Alfredo Margarido, *Estudos sobre as literaturas das nações africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

literatura de tradição oral, reavivar as tradições, (re)descobrir os contos, as lendas e os mitos torna-se assim o cerne desta perspectiva.

Lourenço do Rosário – um dos grandes, e muitas vezes polémico, pensadores da “questão africana” e, em especial, de Moçambique – traça, na obra *Singularidades. Estudos Africanos*, um percurso que é útil referir. Como muitas outras expressões culturais, a “Literatura Africana” em Portugal tem uma história que, à laia de contextualização, nos cumpre considerar.

Tendo entrado em Portugal pela via académica, graças à perseverança de Manuel Ferreira, desde logo, a “Literatura Africana” ficou ligada às circunstâncias que definem, em cada momento, o olhar dos portugueses relativamente a África, recentemente saída de uma ligação colonial com o regime português, também ele derrubado. Esse facto histórico e ao mesmo tempo cultural estava, certamente, recheado de afectos vários deixando transparecer uma vinculação umbilical à herança colonial do ex-império recém desaparecido fisicamente⁴⁰.

Com a apresentação de estudos resultantes, em grande medida, de pesquisas de pós-graduação, a academia acabou por contribuir peremptoriamente para a alteração de atitudes relativamente a essas literaturas.

«Quando o escritor Mia Couto se congratula com o facto de ter terminado a fase de uma certa promiscuidade demagógica para com as letras africanas, no fundo, mais não faz do que constatar a evidência das modificações operadas na recepção dessas literaturas, em Portugal»⁴¹.

O “estatuto” de dignidade que as literaturas africanas conquistaram, permite-lhes, daí em diante, serem apreciadas objectivamente, conforme os critérios comumente aceites para a apreciação de textos literários. Autores como Craveirinha ou Pepetela puderam conquistar prémios da dimensão do Prémio Camões – o maior prémio literário de Língua Portuguesa; e diversos escritores da dita “África lusófona” puderam ser alvo dos mais “rasgados elogios” sem demagogia. A sua presença é vulgarmente requisitada para os mais variados eventos, ora estão na Feira do Livro em Lisboa ou em Frankfurt a apresentarem as suas mais recentes obras, como são

⁴⁰ «Numa primeira fase, a passagem das literaturas africanas das universidades para o exterior, isto é, do mero objecto de estudo académico, para o plano do consumo literário, por parte dos cidadãos, as escolhas eram feitas com base nas paixões que a conjuntura histórica tinha despoletado, pouco importando, no essencial, o critério de aferição literária tão desenvolvido, no leitor médio deste país, e principalmente no modo de edição».

Lourenço do Rosário, *Singularidades. Estudos Africanos*, Lisboa, Ed. Univ. Lusófonas, 1996, p.75.

⁴¹ Idem, p.77.

convidados a participar em antologias internacionais, em colóquios, congressos e palestras assim como são alvos sistemáticos da curiosidade da imprensa nacional e internacional.

É neste contexto que Luís Sousa relembra que «não vão longe os tempos em que o estudo das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa era, entre nós, pouco menos que marginal – ou então, o que não deixa de ser significativo, um labor desenvolvido por estrangeiros no estrangeiro»⁴².

Na medida em que se observa, actualmente, um crescente interesse pelas “Literaturas Africanas”, em particular, e pela cultura africana em geral (fenómeno que se estende um pouco por toda a Europa⁴³, assim como ao Norte da América⁴⁴, por exemplo), poderíamos – recorrendo à gíria popular – concluir que “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”.

Há uma grande dificuldade em colocar, lado a lado, as literaturas dos cinco países africanos de Língua Portuguesa. Por um lado, destacam-se Angola, Moçambique e Cabo Verde, como expoentes da “Literatura Africana”; por outro, com uma produção mais exígua, surgem a Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe⁴⁵ (Lourenço do Rosário refere que a produção cultural destes dois países é o “calcanhar de Aquiles” de muitos dos estudos sobre a literatura dos cinco países africanos de Língua Oficial Portuguesa em causa).

Ainda assim, e na tentativa de não discriminar nenhum dos espaços da efervescente criação literária da África lusófona, seleccionou-se (entre muitos outros que aqui poderiam figurar) alguns nomes das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Sabendo que qualquer selecção literária pecaria pela exclusão, o critério que presidiu à escolha dos escritores, foi apenas referir “novos” escritores (que tanto o podem ser pela sua juventude, como pelo facto de terem sido reconhecidos como escritores nos tempos mais recentes) que assinalam, ainda assim, um percurso já com significativa notoriedade.

⁴² Luís M. Sousa, “Apresentação” in *Discursos*, n.9, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1995.

⁴³ Através da presença de escritores africanos de Língua Portuguesa, como Pepetela, Agualusa ou mais recentemente de Ondjaki, nas Feiras do Livro de Lisboa, Paris ou Frankfurt. O crescente número de encontros, palestras, colóquios ou conferências sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, a sua arte e cultura em geral.

⁴⁴ Saliente-se, por exemplo, a organização da revista “Portuguese Literary and Cultural Studies” pelo Center of Portuguese Studies and Culture da Universidade de Massachusetts.

⁴⁵ Ver quadro 3 em anexo.

Afinal, do amplo “espaço lusófono”, ecoam sinais de estimulante vitalidade que vão além dos dois ou três nomes que facilmente associamos a cada uma das esferas de produção literária: Angola (José Eduardo Agualusa ou Pepetela), Moçambique (Mia Couto), Cabo Verde (Germano Almeida), São Tomé e Príncipe (Alda Espírito Santo), Guiné-Bissau (Fernanda de Castro ou mais recentemente Tony Tchecka).

Ndalu de Almeida - Angola

«Gosto de estar preso na infância e sei muito mal desprender-me de lá»⁴⁶.

Formado em sociologia, interessado em interpretação teatral, cinema e pintura, o jovem escritor angolano Ndalu de Almeida (mais conhecido por Ondjaki), é o mais novo membro – em idade – da União de Escritores Angolanos.

Nasceu em 1977, em Luanda, e veio para Portugal por altura dos seus estudos no ensino superior. Vivendo estes últimos anos entre cá e lá, com apenas 27 anos é reconhecido como um dos jovens escritores angolanos mais promissores dentro e fora do seu país; contando já com seis obras publicadas [consultar quadro 1 em anexo], uma menção honrosa no Prémio António Jacinto de Angola pelo livro de poesia *Actu Sanguíneu* e com a participação em antologia internacionais (Brasil e Urugai) e também numa antologia portuguesa.

Encontra no espaço da sua realidade angolana, o amplo terreno de investigação e “resgate” de uma espécie de memória colectiva, em livros que recriam, por um lado, «momentos, cheiros e pessoas que fazem o seu antigamente, numa época em que Angola e os luandenses formavam um universo diferente, peculiar. Tudo isso contado pela voz de uma criança que foi; tudo isso embebido na ambiência dos anos 80: o monopartidarismo, os cartões de abastecimento, os professores cubanos, o hino cantado de manhã e a nossa cidade de Luanda com a capacidade de transformar mujimbos⁴⁷ em factos...»⁴⁸. Por outro lado, cria estórias ficcionadas e fabuladas que testemunham o actual ambiente de Luanda e nos fazem reflectir sobre o estado do país: «o candongueiro policial ligou a sirene e arrancou, riso do Burkina só de lhe veres, muadiê,

⁴⁶ Ondjaki, *Quantas Madrugadas tem a Noite*, Lisboa, Ed. Caminho, 2004, p.109.

⁴⁷ *mujimbos* = boatos

⁴⁸ palavras de Ondjaki, contadas na primeira pessoa, acerca da sua obra *Bom Dia Camaradas* na página da Editorial Caminho www.editorial-caminho.pt.

contente assim de poder ser autoridade puramente legal, inda que só por uns dias e na conta da morte do camba dele...»⁴⁹.

A sua obra tem-se revelado como um rico conjunto de experiências capazes de obter da crítica honrosos elogios: «*Quantas Madrugadas tem a Noite* está destinado a ser um marco na literatura angolana e na literatura de língua portuguesa em geral. Com uma extraordinária mestria narrativa, Ondjaki conta aqui uma história em que não se sabe o que admirar mais...»⁵⁰.

José Luís Tavares – Cabo Verde

«O poeta nunca é de um só lugar, de uma só língua, de uma só tradição. Híbrida e viajante é a sua condição, e, no meu caso pessoal, ainda mais, em decorrência do *ethos*, das peculiaridades históricas e do longo afastamento do solo pátrio»⁵¹.

Nascido em 1967, na ilha de Santiago, vive em Portugal há quinze anos. Formado em literaturas modernas e filosofia, José Luís Tavares (um poeta originário do Tarrafal) é conhecido actualmente por ter trazido um «novo vigor à poesia caboverdeana de tendência universalista»⁵², em boa medida, pela absorção que fez da “cultura ocidental” lendo autores portugueses, ingleses e franceses assim como os caboverdeanos. Como o próprio afirma, «nenhum poeta vem ou se faz do nada. Desconfiai sempre do poeta que diz que não lê para não ser influenciado por aquilo que lê. Não é, manifestamente, o meu caso – eu pratico uma espécie de canibalismo poético, tudo aquilo que leio é digerido e transformado em carne (linguagem) própria»⁵³.

Distinguido com o Prémio Revelação – Cesário Verde em 1999, está representado na *Antologia dos Novíssimos Poetas Mirabilis*.

A sua obra *Paraíso apagado por um trovão*, merecedora do prestigiado Prémio Mário António da Fundação Calouste Gulbenkian, espelha uma espécie de culto pelo real e quotidiano e reflecte uma contínua recriação da Língua Portuguesa. Falando sobre a sua técnica poética, refere que «há um processo de saturação, uma espécie de exasperação verbal que rompe com a gramática e faz a língua gaguejar»⁵⁴;

⁴⁹ Ondjaki, *Quantas Madrugadas tem a Noite*, p.133.

⁵⁰ Mensagem de badana na referida obra *Quantas Madrugadas tem a Noite*.

⁵¹ José Luís Tavares em entrevista concedida a Maria João Cantinho, disponível em www.storm-magazine.com.

⁵² in www.asemana.cv.

⁵³ José Luís Tavares em entrevista concedida a Maria João Cantinho, disponível em www.storm-magazine.com.

⁵⁴ Idem.

acrescentaríamos ainda que há uma frequente utilização de vocábulos raros: «prístino soergue o estio/ gritos roucos desatinos/ longo som de glabros sinos/ enlanguescendo searas pousios (...)»⁵⁵.

O juri presente na avaliação do referido prémio Gulbenkian, ao justificar a atribuição da distinção a José Luís Tavares, «referiu tratar-se de um poeta em que se reconhece, no início do percurso, a evidência de méritos que o devir decerto confirmará»⁵⁶.

É ainda autor de *Agreste Matéria Mundo*, recentemente editada pela Campo das Letras, onde reflecte sobre a condição do poeta e da poesia em pleno século XXI. Publicou ainda, diversos poemas no *Diário de Notícias Juvenil* e no *Jornal de Letras*. Com apenas 20 anos de idade, foi um dos fundadores do jornal literário *Aurora*.

António Cabrita (jornalista dedicado por ofício às literaturas) referindo-se a José Luís Tavares comenta que «desde Corsino Fortes, que não conheço, autor tão peremptório na poesia caboverdeana, que são dois autores de quem o universo de língua portuguesa se deve orgulhar»⁵⁷.

Odete da Costa Semedo – Guiné-Bissau

«Em que língua escrever/ Contando os feitos das mulheres/ E dos homens do meu chão?/ Como falar dos velhos/ Das passadas e cantigas?/ Falarei em crioulo?/ (...) / Ou terei de falar/ Nesta língua lusa/ E eu sem arte nem musa/ Mas assim terei palavras para deixar / Aos herdeiros do nosso século/ Em crioulo gritarei/ A minha mensagem/ Que de boca em boca/ Fará a sua viagem/ Deixarei o recado/ Num pergaminho/ Nesta língua lusa/ Que mal entendo/ (...) / Deixarei o recado/ Num pergaminho/ Nesta língua lusa»⁵⁸.

Maria Odete Semedo nasceu em Bissau a 7 de Novembro de 1959. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, foi Presidente da Comissão Nacional para a UNESCO – Bissau e fundadora da *Revista de Letras, Artes e Cultura Tcholon*. Em 1996, publicou um livro de poemas *Entre o Ser e o Amar*, em Bissau. É investigadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, na capital guineense.

Sendo que o ano transacto (2003) não foi um ano fácil para os guineenses, os jovens jornalistas da Agência Bissau Media e Publicações elegeram, pela primeira vez, no seu país, as personalidades que mais se destacaram na contribuição para o

⁵⁵ José Luís Tavares, *Paraíso apagado por um trovão*, Praia, Spleen, 2004, p.17.

⁵⁶ in secção “gente” da revista *África Lusófona*, n.21, Maio/Junho 2004, p.17.

⁵⁷ António Cabrita in www.asemana.cv/index.php?m=114&1650&me=0.

⁵⁸ Odete Semedo, “Língua esvoaçante”, poema disponível em www.ciberduvidas.sapo.pt/antologia/odete_semedo.

desenvolvimento social global da Guiné-Bissau. As 25 individualidades eleitas pelos jovens foram consideradas as que mais batalharam dentro da respectiva categoria sócio-profissional. Foi nesse contexto que Maria Odete foi eleita a escritora do ano.

Principais obras: *No fundo do canto*, *Cadernos da Lusofonia*, *Histórias e passadas guineenses*. A autora está representada na obra *Versões – mundos (d)escritos em Português* de 2003.

Pedro Sansão Muiambo - Moçambique

«Li o texto "O Último Discurso de Ngungunhane", que faz parte do livro *Ualalapi*, do Ungulani, e nesse dia eu decidi que queria ser escritor. Porque ele conseguiu passar-me a mensagem da beleza da literatura...»⁵⁹.

O jovem escritor Pedro Muiambo, nascido a 22 de Dezembro de 1972 em Maputo, é finalista do curso de Economia da Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique. Desde cedo teve inclinação para as letras, tendo frequentado em 1991 o Curso de História da Literatura Portuguesa, promovido pela Faculdade de Letras da UEM e pelos Serviços Culturais da Embaixada Portuguesa em Maputo; no mesmo ano, frequentou o 1º Curso das Literaturas Africanas do Centro Cultural Franco-Moçambicano e, em 1998, o curso de *Giornalismo e Narrativa* em Itália.

Tem colaboração dispersa na imprensa moçambicana e nas revistas italianas *Storie e Palmor*, e actualmente, é Coordenador Editorial na Moçambique Editora.

Em 1999, publicou o seu primeiro livro intitulado *Bestiário* – uma colectânea de escritos de humor e sátira – pela Editora Ndjira; em 2000, a sua colectânea de contos *A Última Còdea*, juntamente com obras poéticas do Eduardo White e Guita Júnior, foi seleccionada para representar Moçambique na fase final do Prémio PALOP do Livro em Língua Portuguesa; em 2002, a Editora Ndjira publicou a obra infanto-juvenil *Hawu-Hawu, uma aventura na selva*. Já em 2003, a editora portuguesa Campo das Letras edita o seu primeiro romance *Enfermeira de bata negra*.

⁵⁹ Pedro Muiambo, "Ninguém nasce escritor" entrevista concedida a Rogério Manjate disponível em www.madeirazinco.tropical.co.mz/entrevista/pedro.htm.

Conceição de Deus Lima – São Tomé e Príncipe

«Após o ardor da reconquista/ não caíram manás sobre os nossos campos./ E na dura travessia do deserto/
Aprendemos que a terra prometida/ era aqui./ Ainda aqui e sempre aqui./ Duas ilhas indómitas a
desbravar./ O padrão a ser erguido/ pela nudez insepulta dos nossos punhos»⁶⁰.

Conceição Lima, nascida em 1962 em São Tomé e Príncipe, é jornalista, escritora/poetisa e ensaísta. Tem alguns poemas publicados na obra *Vozes poéticas da Lusofonia* (1999), Edição da Câmara Municipal de Sintra, dos quais se destaca “Quando o luar caiu” em que a autora descreve a angústia da mulher quando não encontra o seu namorado. Em imagens da natureza muito poéticas, evoca a presença do namorado, e enfatiza a angústia do amor no apelido ao "tu" (tu não eras): «Cheguei quando as sombras revelavam/ os murmúrios do teu corpo/ e não eras./ Cheguei para despojar de limites o teu nome./ Não eras»⁶¹.

Representou o seu país no XIV Festival Internacional de Poesia Medelín na Colômbia em Junho de 2004.

A autora tem obras poéticas inseridas em Antologias e alguns trabalhos aguardando publicação.

Estes são apenas cinco exemplos de algumas vozes que deixam um testemunho das letras africanas escritas em Língua Portuguesa, contribuindo, pela sua diversidade, para fortalecer o sistema de laços comunicantes entre e no “espaço lusófono”.

Nota-se um facto curioso: a maior parte dos escritores africanos publicam as suas obras, por exemplo, na Caminho (Luandino Vieira, Mia Couto, Ondjaki), na Dom Quixote (Aqualusa, Pepetela) ou na Campo das Letras (Pedro Muiambo, José Luís Tavares) – em Portugal; (autores mais conceituados e “transnacionais” como Aqualusa e Mia Couto têm também traduções noutras editoras da Europa ou publicam, ainda, na Gryphus no Brasil). Será que esse facto espelha uma certa busca de legitimação e consagração das obras de literatura africana a partir de Portugal, ou outro país estrangeiro, ou estarão em causa outros factores?

⁶⁰ Conceição Lima, “Descoberta” in *Vozes Poéticas da Lusofonia*, Mem-Martins, Ed. Câmara Municipal de Sintra, 1999.

⁶¹ Conceição Lima, “Quando o luar caiu” in *Vozes Poéticas da Lusofonia*, Mem-Martins, Ed. Câmara Municipal de Sintra, 1999.

Questionando Ondjaki sobre esta problemática, o escritor expressou a seguinte opinião: «...acredite que são raros os que vão buscar legitimação a partir de Portugal. Os livros são suficientemente legítimos, penso eu, mesmo que só tenham sido publicados no Cunene ou na Huíla. Agora que alguns busquem consagração, isso poderá ser uma hipótese»⁶².

Lourenço do Rosário, reflectindo sobre a questão dos autores africanos publicarem no estrangeiro, comenta «os melhores escritores africanos, respondendo às solicitações dos seus editores europeus, produzem as suas obras naturalmente para um hipotético destinatário, que certamente, não será aquele que prioritariamente deveria ser, isto é, o povo, em grande parte, praticamente analfabeto»⁶³. Refere ainda que, embora o estatuto que as “literaturas africanas” conquistaram possa ser benéfico para os escritores e respectivos países, há porém um lado mais negativo, que o próprio fenómeno sociológico tem demonstrado, o Terceiro Mundo acaba, muitas vezes, por perder os seus “filhos” mais talentosos, porque ainda não encontrou formas de contrariar a sedução que o “Norte” exerce sobre eles.

Em suma, poder-se-á dizer que Língua Portuguesa é o cimento que supostamente solidifica o chamado “espaço lusófono”, em que a partilha – e respectivos usos sociais, culturais e políticos – assume um papel de destaque. No parecer de alguns escritores africanos, falamos de uma língua que se encontra, hoje, «culturalmente mais maleável porque todas as culturas que o absorveram mexeram nele [no português]»⁶⁴.

A actual situação parece indicar que se oscila entre uma “comunidade interpretativa” assente na partilha da Língua Portuguesa (em que os escritores têm a oportunidade de [re]criar uma linguagem culturalmente reconhecida e em que, pela edição de dicionários lusófonos – por exemplo – se apela a um reconhecimento de uma básica diversidade de normas linguísticas dentro da língua portuguesa, não só no campo léxico e no campo fonético, mas também no sintáctico⁶⁵), e um espaço de perpetuação de velhas assimetrias em que debates, sobre a designação das literaturas em Língua Portuguesa ou sobre o acordo ortográfico – por exemplo –, denunciam a falta de consenso na matéria e parecem colocar Portugal, África e Brasil em patamares distintos.

⁶² Ondjaki em entrevista concedida a Cármem Maciel em 18 de Agosto de 2004.

⁶³ Lourenço do Rosário, ob.cit., pp.77,78.

⁶⁴ Ondjaki em entrevista concedida a Cármem Maciel em 18 de Agosto de 2004.

⁶⁵ Vd. Celso Cunha, *A questão da norma culta brasileira*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

Neste contexto, a literatura afigura-se como um instrumento cultural e político de primeira linha na cimentação de um quadro de similitudes e partilhas que se evidencia na efervescência da criação literária que enforma um “Mundo em Português”.

As “literaturas africanas têm, actualmente, um papel de destaque na renovação da Língua Portuguesa e das ideias, na análise e discussão dos problemas dos indivíduos nos respectivos países (através de retratos – ainda que ficcionados – das realidades quotidianas de Angola, Moçambique, etc.), e na expressão dos sentimentos das comunidades. Por trás da escrita, estão os escritores – mulheres e homens – que exprimem o compromisso profundo consigo próprios e com os seus leitores de apresentar realidades, levantar questionamentos, lançar novas ideias para discussão, de analisarem a validade de outras e de interagirem, assim, com o seu mundo.

Anexo 1 (quadro 3)

Escritor	Data de nascimento	Naturalidade Nacionalidade	Principais obras	Prémios
(Ondjaki) Ndalú de Almeida	1977	Luanda Angolano	<ul style="list-style-type: none"> → <i>Actu sanguineu</i>, Chá de Caxinde, 2001 → <i>Momentos de aqui</i>, Ed. Caminho, 2001 → <i>O Assobiador</i>, Ed. Caminho, 2002 → <i>Há predisagens com o Xão</i>, Ed. Caminho, 2002 → <i>Bom Dia Camaradas</i>, Ed. Caminho, 2003 → <i>YNARI, a menina das cinco tranças</i>, Ed. Chá de Canxide, 2003 → <i>Quantas Madrugadas tem a noite</i>, Ed. Caminho, 2004 	* 2000: recebeu uma menção honrosa no Prémio António Jacinto (Angola)
Observações: é o membro mais novo, em idade, da União de Escritores Angolanos. Participou em antologias internacionais (Brasil e Urugai) e também numa antologia portuguesa. Interessa-se, para além da escrita, por pintura, teatro e cinema.				
Pedro Muimbo	22/12/ 1972	Maputo Moçambicano	<ul style="list-style-type: none"> → <i>Bestiário</i>, Ed. Ndjira, 1999; → <i>A última côdea</i>, Ed. Ndjira, 2000; → <i>Hawu-Hawu, Uma Aventura na Selva</i>, Ed. Ndjira, 2002 → <i>A enfermeira de bata preta</i>, 1º romance, Campo das Letras, 2003 	A obra <i>A ÚLTIMA CÔDEA</i> (juntamente com obras poéticas do Eduardo White e Guita Júnior) foi seleccionada para representar Moçambique na fase final do “Prémio PALOP do Livro em Língua Portuguesa”.
Observações: Tem colaboração dispersa na imprensa moçambicana e nas revistas italianas "Storie" e "Palmer".				
José Luís Tavares	1967	Santiago Cabo Verde	<ul style="list-style-type: none"> → <i>Paraíso apagado por um trovão</i>, Spleen Edições, 2004 → <i>Agreste Matéria Mundo</i>, Campo das Letras, 2004 	* Prémio Revelação – Cesário Verde em 1999; * Prémio Mário António da Fundação Calouste Gulbenkian em 2004.
Observações: representado na <i>Antologia dos Novíssimos Poetas Mirabilis</i> . Publicou ainda, diversos poemas no <i>Diário de Notícias Juvenil</i> e no <i>Jornal de Letras</i> . Com apenas 20 anos de idade, foi um dos fundadores do jornal literário <i>Aurora</i> .				
Conceição de Deus Lima	1962	São Tomé e Príncipe	Nota: A autora tem obras poéticas inseridas em Antologias (ex.: “Descoberta” in <i>Vozes Poéticas da Lusofonia</i> , Mem-Martins, Ed. Câmara Municipal de Sintra, 1999) e alguns trabalhos aguardando publicação.	-----
Observações:				
Odete da Costa Semedo	07/11/ 1959	Bissau	<ul style="list-style-type: none"> → <i>Entre o Ser e o Amar</i> (livro de poemas) 1996, Bissau. <i>No fundo do canto;</i> <i>Cadernos da Lusofonia; Histórias e passadas guineenses.</i> 	Maria Odete foi eleita a escritora do ano pelos jovens jornalistas da Agência Bissau Media e Publicações em 2003.
Observações: Está representada na obra <i>Versões – mundos (d)escritos em Português</i> de 2003.				

(quadro construído com base em pesquisas na internet no motor de busca “Google” em Agosto de 2004)

Bibliografia

- ALMEIDA, M. Vale de, *Um Mar cor da Terra*, Oeiras, Celta, 2000.
- BASTOS, C., ALMEIDA, M. Vale de, FELDMAN-BIANCO, B. (coord.), *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiro*, Lisboa, ICS, 2002.
- BRÁS, A. & MAIA, A. (coord.), *Vozes poéticas da Lusofonia*, Mem-Martins, Ed. Câmara Municipal de Sintra, 1999.
- CRAVEIRINHA, José, *Karingana ua Karingana*, Lisboa, Edições 70, 1974.
- COUTO, Mia, *Cronicando*, Lisboa, Ed. Caminho, 1991.
- CUNHA, C., *A questão da norma culta brasileira*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- FERREIRA, J. Roberto (dir.), *África Lusófona*, n.21 de Maio/Junho de 2004.
- LEÃO, Duarte N. de, *Ortografia e origens da Língua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983.
- LÉONARD, Y., “As Ligações a África e ao Brasil” in *História da Expansão Portuguesa* (dir. F. Bethencourt & K. Chaudhuri), vol.V, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp. 421-441.
- LOURENÇO, E., *A Nau de Ícaro. Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999.
- MACIEL, Cármén, “O Lusotropicalismo e a Lusofonia. Duas Versões Poéticas da Identidade Nacional?”, tese de licenciatura, FCSH, UNL, Dezembro de 2002.
- MACIEL, Cármén, “A Língua, o Livro e as Instituições enquanto afluentes do grande rio: a Lusofonia” in AAVV (org. Diogo Ramada Curto) *Estudos de Sociologia em Portugal no século XX*, Lisboa, Ed. Calouste Gulbenkian, 2004 (no prelo).
- MANN, M., *The Sources of Social Power*, Cambridge, U.P., 1993.
- MARGARIDO, A., *Estudos sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.
- MARGARIDO, A., *A Lusofonia e os Lusófonos. Novos mitos portugueses*, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas, 2000.
- MARQUES, M., DIAS, N., MAPRIL, J., “Le retour des caravelles et la lusophonie. D’exclusion des immigrés à l’inclusion des lusophone?”, SociNova, Working Paper, 2003.
- MONTEIRO, João P., *Lusofonia* (Aéssio Ramos, dir.), n.3, Março de 1997.
- ONDJAKI, *Bom dia Camaradas*, Lisboa, Ed. Caminho, 2001.
- ONDJAKI, *Quantas Madrugadas tem a Noite*, Lisboa, Ed. Caminho, 2004.
- PIRES, F. Lucas, *Schengen e a Comunidade de Países Lusófonos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1997.
- PORTUGAL, F. S., *Entre Próspero e Caliban*, Santiago de Compostela, Ed. Latiovento, 1999.
- ROCHA-TRINDADE, B. (coord.), *Cursos da Arrábida. Interculturalismo e cidadania em espaços lusófonos*, n.5, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1998.
- ROSÁRIO, L. do, *Singularidades. Estudos Africanos*, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas, 1996.
- SANTOS, Boaventura Sousa, “Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal” in *Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*, Porto, Afrontamento, 1994, pp.49-67.
- SOARES, M., “Prefácio” (8/3/1992) in *Intervenções* 6, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.
- SOUSA, L., REIS, C., LARANJEIRA, P., *Discursos*, n.9, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1995.
- SOUSA, L., *A Construção da Identidade na Literatura Moçambicana*, Lisboa, Biblioteca Vítor de Sá – Universidade Lusófona, 1999 (tese de doutoramento policopiada).
- TAVARES, J. Luís, *Paraíso apagado por um trovão*, Praia, Spleen, 2004.
- VIEIRA, J. Luandino, *Nosso Musseque*, Lisboa, Ed. Caminho, 2003.
- VIEIRA, J. Luandino, *João Vêncio: os seus amores*, Lisboa, Ed. Caminho, 2004.

Referências da internet:

www.editorial-caminho.pt

www.uea-angola.org

www.storm-magazine.com

www.madeirazinco.tropical.co.mz

www.ciberduvidas.sapo.pt

www.asemana.cv